

## Educação Infantil: Um lugar de linguagens e de começos

Carine Isabel Both Pinto\*

Noeli Valentina Weschenfelder\*\*

### RESUMO:

Este artigo tem como eixo principal a reflexão acerca da infância e as diferentes linguagens utilizadas na Educação Infantil. Remete-se a importância da participação das crianças, como sujeitos históricos e culturais no espaço da Escola, tendo a brincadeira como elemento fundamental. A experiência do município de Três Passos é apresentada, utilizando-se da metodologia da pesquisa - ação, que possibilitou a aproximação com o grupo de professores do município de Três Passos, acompanhando a elaboração de sua Proposta Pedagógica, discutindo a relação com o currículo emergente e a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, pautado em uma prática de escuta.

### ABSTRACT:

This article has as axis the reflection about the infancy and the different languages used in the Early Childhood Education. Referring to the importance of the children's participation, as historical and cultural subjects at the School space, having the play as fundamental element. The experience in Três Passos City is presented, highlighting the elaboration of its Pedagogical Approach, discussing the relation with the emergent curriculum and Common Curricular National Basis (Base Nacional Comonm Curricular) for the Early Childhood Education, based in listening practice.

**PALAVRAS CHAVES:** Infância; Currículo; Linguagem

**KEYWORDS:** Infancy; Curriculum; Language.

---

\* Professora, Mestranda no Programa de Pós-Educação nas Ciências- UNIJUI, vinculada à Linha de Pesquisa Educação Popular em movimentos e organizações sociais. Bolsista Taxa CAPES. E-mail: [carineibp@yahoo.com.br](mailto:carineibp@yahoo.com.br)

\*\* Doutora em Educação pela (UFRGS); Mestre em Educação (UFSM); Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências da Unijui. E-mail: [noeli@unijui.edu.br](mailto:noeli@unijui.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como eixo principal a reflexão sobre o processo em andamento de construção da Proposta Pedagógica de Educação Infantil no município de Três Passos, diante das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil/2010 e da Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil. Aborda a infância e as diferentes linguagens utilizadas na Educação Infantil. Trata da importância da participação das crianças, como sujeitos históricos e culturais no espaço da Escola, tendo a brincadeira e as interações como elemento fundamental. A experiência do município de Três Passos é apresentada, destacando a elaboração de sua Proposta Pedagógica e discutindo a relação com o currículo emergente e a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, pautado em uma prática de escuta

A Educação Infantil constitui-se como primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos e 11 meses de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, contemplando a ação da família e da comunidade, conforme prevê o artigo 29 da Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Esta etapa de ensino direcionada as crianças pequenas, nos convida a reflexão em relação à infância e suas potencialidades. Um lugar para os começos. Constitui-se assim, a Escola de Educação Infantil. Um lugar específico para as crianças pequenas, que respeita seus “começos”, seus tempos, suas descobertas.

As crianças ao nascerem estão prontas para este “começar” e realmente o fazem toda vez que choram, que se movimentam, que acompanham o olhar da mãe. Com o apoio necessário do outro, passam a utilizar –se de diferentes linguagens. Experimentam novas posições e se comunicam. Em pouco tempo, saem do lugar, mexem, experimentam, lambuzam, caem, levantam, procuram ajuda. As primeiras palavras anunciam gostos e preferências e os riscos e rabiscos passam a fazer parte deste universo. Por vezes em paredes, em outras, em papéis, as garatujas ganham forma e os desenhos comunicam ideias. Os gestos, as danças, a fantasia expressadas através do corpo, revelam a necessidade do movimento, típico de quem tem pressa, de quem almeja começar. As primeiras palavras viram frases e em meio a algumas confusões, tornam-se histórias, que por vezes não seguem ordens lógicas ou cronológicas, mas demonstram tramas construídas a partir de escutas e vivências.

A escola de Educação Infantil acolhe esses começos toda vez que está aberta a escuta. Entre os autores italianos de forte influência no Brasil está o pedagogo Loris Malaguzzi, que defendeu uma Pedagogia de Projetos, cuja abordagem educativa centra-se na criança e em sua potencialidade de expressar-se em suas múltiplas linguagens,

como defendia ele, mais de cem. Numa Pedagogia da Escuta, sem disciplinas formais e sempre através de projetos a sua seguidora Carlina Rinaldi, (2012, p.124) nos ensina a pensarmos a questão da “escuta como um convite para a abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido, assim como, a considerar a escuta como tempo, tempo de ouvir, situado fora do tempo cronológico, um tempo cheio de silêncios, de longas pausas, um tempo interior”. Para nós, o poema O Homem de orelhas verdes é o início desta reflexão:

“Um dia num campo de ovelhas  
Vi um homem de verdes orelhas  
Ele era bem velho, bastante idade tinha  
Só sua orelha ficara verdinha  
Sentei-me então a seu lado  
A fim de ver melhor, com cuidado  
Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade  
de uma orelha tão verde, qual a utilidade?  
Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda  
De um menininho tenho a orelha ainda  
É uma orelha-criança que me ajuda a compreender  
O que os grandes não querem mais entender  
Ouço a voz de pedras e passarinhos  
Nuvens passando, cascatas e riachinhos  
Das conversas de crianças, obscuras ao adulto  
Compreendendo sem dificuldade o sentido oculto  
Foi o que o homem de verdes orelhas  
Me disse no campo de ovelhas.”  
(GIANNI RODARI)

## **METODOLOGIA**

Para a escrita deste artigo, organizamos uma revisão bibliográfica dos escritos que orientam a proposta e os marcos legais do Ministério da Educação para a Educação Infantil e acompanhamos as atividades de formação dos Professores da rede municipal de ensino de Três Passos. Durante estes encontros, passamos a nos utilizar da metodologia da pesquisa - ação que “é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo”. (THIOLLENT,1985, p.14).

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade. Essa participação é explicitada dentro do processo do conhecer, com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade por parte das pessoas e grupos implicados. Não se trata de um simples levantamento de dados e sim um trabalho conjunto.

Neste sentido, os encontros nas Escolas Municipais, entre colegas, foram guiados por discussões e análises referentes as concepções para a elaboração da Proposta Pedagógica. Neste movimento de participação de todos, nossa aproximação foi possível, fazendo registros dos estudos e discussões. Materiais como a Base Nacional Curricular Comum, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foram consultados e analisados, gerando discussão. Os resultados se constituem numa reflexão sobre o andamento desse processo até o momento atual.

## **DISCUSSÃO**

A Educação Infantil tem em sua centralidade a necessidade de ter “orelhas verdes”. Orelhas que permitem ouvir aquilo que por vezes já não se escuta mais, que desejam escutar o novo, em uma relação de respeito e entrega. Ao ouvir, adultos acolhem a novidade que vem das crianças e ao conviverem juntos, podem surpreender-se com os encontros.

Na Escola de Educação Infantil podem-se possibilitar as crianças outros encontros, para além daqueles até então ocorridos em seu contexto familiar. São novas oportunidades de descobertas. A relação que passa a existir entre as crianças através da troca de olhares, das brincadeiras, dos movimentos do toque, da parceria amplia seu convívio social e com isso, suas interações. O adulto tem papel fundamental neste lugar, quando ele consegue estimular suas orelhas, ao ponto de serem “verdes” para escuta.

Mas ao trabalhar com crianças, é preciso ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição), trata-se de um escutar corporal. Ouvir para escutar as cem, as mil linguagens, símbolos e códigos que usamos para nos expressar e nos comunicar. Com os quais a vida expressa a si mesma e se comunica com aqueles que têm sensibilidade para ouvir. Por trás do ato de escuta existe normalmente uma curiosidade, um desejo, uma dúvida, um interesse; há sempre alguma emoção. Escuta é emoção; é um ato originado por emoções e que estimula emoções. (Rinaldi, C. p. 124, 2012). Mas como desenvolver orelhas verdes com as professoras da rede municipal?

Na relação de cuidado e educação das crianças pequenas a escuta é fundamental, pois ela possibilita a percepção de que não existe uma criança ideal, ou universal. O que existe são muitas crianças, diferentes entre si, com compreensões, vivências, culturas e realidades diferentes. Mary Del Priore (2016, p.07) nos chama a atenção para a existência de muitas infâncias. “Crianças com destinos diferentes, realidades diferentes, que encontram-se em diferentes lugares. Há crianças nas ruas, à saída das escolas, das praças, nas praias. Há aquelas que estudam, as que trabalham, as que cheiram cola, as

que brincam, as que roubam. Há aquelas que são amadas e, outras, simplesmente usadas”.

Ao considerar a existência destas infâncias diferentes, vamos ao encontro da criança como ela é construindo possibilidades e experiências de aprendizagens. Benjamin, W. (2016, p. 31) nos ensinou que “a criança não representa uma miniatura do homem adulto; bem ao contrário, o ser humano de pouca idade constrói um universo particular, adequado aos seus mais profundos impulsos e desejos”. Ele nos mostra que o universo próprio da criança não é composto somente de lances de pureza, ingenuidade e felicidade.

Ao lançar-se ao esse desafio com as crianças inicia uma relação de diálogo, onde a fala, o toque, a música, a pintura, o desenho, a dança, o movimento, as dobraduras, as modelagens, as dramatizações, as colagens, as esculturas, as sombras, as luzes são a expressão criativa. São muitas as linguagens que acompanham a infância e o mundo infantil em suas descobertas. A Escola de Educação Infantil requer um currículo voltado às crianças, que esteja aberto à escuta e a investigação. Para tanto, revisá-lo é função indispensável, pois ele constantemente merece atenção. Conforme Richter e Barbosa (2010 p.):

As crianças pequenas solicitam aos educadores uma pedagogia sustentada nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências lúdicas e seus processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados escolares individualizados. Aqui, a função docente é co-produtora de currículo e se efetiva na construção de um espaço educacional que favoreça, através da interlocução com as crianças e as famílias, experiências provocativas nas diferentes linguagens enraizadas nas práticas sociais e culturais de cada comunidade.

“A infância é um momento histórico que se repete eternamente e que reforça como fato humano a criação da linguagem. É pela linguagem que a criança se constitui para si, para o outro e para o mundo da cultura.” (SOUZA, S. J., 2016, p. 19). Por isso a sua importância e sua relevância no cotidiano. Desde muito pequenos, bebês já expressam seus desejos e vontades através da linguagem. O choro, os balbúlios e os movimentos sinalizam o que é de desejo informar. Gradativamente a linguagem vai se aprimorando e as trocas realizadas com pessoas mais experientes contribuem para expressar seu pensamento através da palavra, o que exige muito esforço e aprendizagem.

A palavra ocupa um lugar nobre no contexto escolar, pois é ferramenta fundamental na comunicação. Tanto as crianças como os professores utilizam-se dela para manifestar desejos e intenções. São as palavras que anunciam as crianças recém nascidas uma corrente de comunicação já existente na sociedade e que permitem a elas

interagirem. Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso que funciona como um espelho que reflete e retrata o cotidiano. É no uso da palavra na vida cotidiana que se explicitam e se confrontam os valores de uma dada sociedade.

O modo como falamos com as crianças, como escutamos suas histórias, sua fantasia retrata a concepção que dela temos. Ao ouvi-las, compreendemos que são capazes, pensam, raciocinam, inventam, passamos a acreditar nelas. Por isso é que a escuta não é fácil. Exige uma profunda consciência e a suspensão de nossos julgamentos e, acima de tudo, de nossos preconceitos. Ao romper com a visão de que todas as crianças são iguais, passamos a apostar em um currículo de investigação, que considera os desejos e curiosidades das crianças e impulsiona as suas linguagens. Com este posicionamento a escola passa a valorizar a cultura das famílias, a brincadeira, o jogo, o faz de conta como atividades reveladoras, nas quais a vida é representada.

Formosinho, (2015, p. 101), afirma que:

Pensamos a pedagogia da infância como um processo de desenvolvimento de identidades plurais: a educação de infância precisa tornar-se assim um meio para cultivar a humanidade apoiando o desenvolvimento das identidades pessoais, relacionais, holísticas nos seus contextos e culturas, das identidades que aprendem em pertença e participação, das identidades que exploram em comunicação e se iniciam a narrar a significatividade da aprendizagem.

As crianças são produtoras de cultura e a Escola ao reconhecer-se como espaço de construção do conhecimento por de possibilitara circulação desta cultura. As diferentes linguagens ganham espaço de comunicação, onde a criança expressa seus valores, desejos e compreensões, como sujeitos e não depositárias. Para a criança não basta apenas ouvir, ela precisa falar, tocar, participar, escutar a voz das pedras e passarinhos, das nuvens passando, cascatas e riachinhos.

Nesse sentido, a organização e a vivência dos tempos também se fez questão para as professoras. É esse movimento contrário ao tempo cronológico, é a magia daquilo que não existe de verdade que move as crianças e por sua vez podem mover a Escola, já que nela estão inseridas. Mas como organizar a escola de modo a respeitar os tempos dos pequenos e os tempos das professoras? São as perguntas que não findam e o interesse por brincar sem ter hora para acabar que nos convoca a pensar a importância desta instituição que diariamente acolhe tantas crianças para passarem seus dias enquanto os pais trabalham.

Este lugar chamado Escola é repleto de vida, de histórias que futuramente irão compor junto do contexto familiar, memórias de infância. Aquilo que foi vivenciado no pátio, na areia, na sala de aula. A troca de olhares, os cochichos ao “pé do ouvido”, a disputa por brinquedos, o colo da professora, os personagens das histórias ouvidas, as descobertas feitas em esconderijos... são enredos que estruturam a história de vida dos

sujeitos. Ao pensar estes espaços, remetemo-nos ao município de Três Passos, onde diariamente a infância tem histórias para contar.

## **A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL EM TRÊS PASSOS**

O município de Três Passos, localizado ao noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, tem hoje cerca de mil e trezentas crianças matriculadas em Escolas Municipais de Educação Infantil. São dezessete escolas infantis que oportunizam começos e vem refletindo sobre seus fazeres, na medida em que percebem que seu currículo precisa ir ao encontro das crianças. Sabedores que somos da necessidade de rever os currículos e a Proposta Pedagógica a Secretaria de Educação, juntamente com as professoras estão em movimento para que esse propósito venha acontecer em processo.

Foram muitas as experiências vivenciadas no município, especialmente nos últimos anos, período em que ocorreu a construção de três unidades escolares, ampliando significativamente a oferta de vagas. Junto destas construções deu-se início a um trabalho com a comunidade buscando compreender a importância destas escolas e o que nelas seria desenvolvido.

O tempo que as crianças passam nas instituições e o que fazem nelas passou a interessar os pais e interrogar as professoras, que passaram a sentir a necessidade de rever suas práticas. Observava-se uma grande preocupação em cuidar as crianças, para entregá-las aos pais no fim do dia nas mesmas condições que estes os deixaram pela manhã. A atenção se voltava para a necessidade de preparar as crianças para o Ensino Fundamental, antecipando conteúdos a fim de garantir suas aprendizagens. Técnicas de recorte, colagem treino de letras e numerais ocupavam lugar de destaque, numa perspectiva de um currículo prescritivo em torno de disciplinas e da preparação para a leitura, escrita e o ensino da matemática.

Com o passar do tempo, a brincadeira foi sendo incorporada como prioridade, o que também gerou conflitos entre as profissionais, que temiam a opinião dos pais, que tinham um imaginário de escola tradicional. Através de estudos e reflexões, o grupo docente foi se fortalecendo, entendeu a brincadeira como uma linguagem necessária à infância. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/2010, p.25) garantem que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras”, o que foi por elas amplamente discutido.

Então, passou-se a aproximar-se das crianças e dos cenários construídos por elas em suas brincadeiras, o que fez com que estas percebessem a riqueza que ali se encontrava. As crianças conversavam entre si, as narrativas que criavam eram de muito significado. Hipóteses e curiosidades compunham as brincadeiras, que expressavam histórias de vida e muita imaginação. Diferentes lugares eram ocupados e criados pelas

crianças. Em alguns episódios brincantes eram mães, em outros, pais e professoras. Sem receio algum, estabeleciam relações de poder e destinavam papéis aos colegas.

Em momentos de estudos e reuniões de planejamento na Escola estas histórias vinham à tona. Ao perceber a importância do acolhimento daquilo que as crianças produziam como seu, no momento da brincadeira livre, as professoras deram-se conta de que as elas poderiam ter mais espaço em salas como sujeitos participativos, professoras e crianças. Estava aí a possibilidade de uma metodologia mais participativa, mais plural numa aproximação como a *formação em contexto*, guardada as devidas proporções. Passaram assim a considerar as perguntas das crianças como início de investigações.

Assim as professoras da Educação Infantil da rede municipal desafiada pela Secretaria de Educação, deu início a escrita de sua Proposta Pedagógica. Em 2015 era chegado o tempo de definir alguns conceitos e “colocar no papel” concepções acerca da infância. Esse foi um exercício que gerou inquietações e dúvidas, pelo fato de que uma Proposta não é escrita sozinha e sim torna-se fruto de um trabalho feito por um coletivo de professores. Assim, alguns consensos precisaram surgir, começando por definir:

Que concepção temos de criança?

Qual é o papel da Educação Infantil em relação a construção de conhecimentos?

Estas e outras questões estão presentes no trabalho em Três Passos e a escrita da Proposta Pedagógica, ainda não concluída. Ao referir-se a Proposta, vem à tona o trabalho desenvolvido na rede municipal de ensino de Três Passos, com todo o corpo docente durante os anos de 2014 até 2017, com a assistência e orientação de uma equipe de professores da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM.

A elaboração da Proposta Pedagógica de Três Passos, que leva como símbolo a imagem do dente-de-leão, trata-se de um desejo da Secretaria de Educação e também dos professores, que vislumbravam um documento escrito, contendo registros do fazer pedagógico na rede municipal de ensino. Nesta Proposta encontram-se concepções de criança, homem, sujeito, educação, currículo e sociedade, bem como referenciais teóricos, metodologia de trabalho e avaliação.

A escrita da Proposta encontra-se em seu terceiro ano e ainda não está concluída, pois ela foi sendo elaborada com a participação de todos os docentes. Em encontros de Formação Continuada, os profissionais estudaram e retomaram autores de referência. Além do estudo de textos, vídeos foram assistidos e amplas discussões aconteceram, tendo por base as falas e narrativas dos professores. No item metodologia, as dúvidas apareceram com intensidade, exigindo mais tempo para consensos e definições.

A construção da escrita da Proposta exigiu a organização dos docentes em grupos de estudo por área de atuação. Plenárias, palestras, rodas de conversa foram algumas das estratégias de trabalho utilizadas pela Secretaria de Educação, para que todos fizessem parte das discussões. A elaboração e definição da Base Nacional



Curricular Comum (BNCC) em nosso país também mereceu atenção, pois influenciará definitivamente no documento final.

Pensar e escrever uma Proposta é sem dúvida, revelador. As pessoas neste exercício se mostram, expõem suas crenças, suas concepções. Trabalhar em grupo pode ser desgastante, pois requer amadurecimento, já que nem todos compactuam as mesmas ideias. Diante disso, o grupo da Educação Infantil entrou em conflito, movido pela necessidade de mostrar seu modo de trabalhar. Talvez tenha sido a primeira vez que questionou-se o que move nossos fazeres diários e de que maneira a criança é vista neste contexto.

A existência de uma Proposta Pedagógica na rede municipal de ensino, não pode se distanciar das legislações vigentes no campo da Educação Infantil. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/ 2010), assim como a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), ainda em fase de aprovação, são referências importantes no trabalho com crianças pequenas em instituições educativas. Segundo o artigo 7º das DCNEI, “a proposta pedagógica das instituições de Educação infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica”.

Assim, é tarefa desta etapa de ensino promover encontros entre crianças e adultos, garantindo a elas a vivência de experiências que ampliem seus saberes. Além disso, devem ter garantido seu direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à cultura, às artes, à brincadeira, à convivência e a interação com outras crianças.

A BNCC propõem objetivos de aprendizagens por faixas etárias, respeitando as características do desenvolvimento das crianças de até cinco anos. Os objetivos de aprendizagem estão divididos em bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, visando o respeito a cada fase, com um olhar flexível do adulto, por considerar que as crianças, mesmo sendo da mesma faixa etária, são diferentes entre si. Conforme Barbosa (2016) e demais colaboradores, “a BNCC servirá como referência e articulada aos princípios éticos, estéticos e políticos propostos pelas DCNEI, devem orientar a Educação Infantil, como um modo de organizar o currículo”. Conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se são eixos do trabalho, que por sua grandiosidade, dão-se por Campos de Experiências, evitando assim, sua fragmentação, permitindo a interação com pessoas, objetos e situações de aprendizagem.

Diante de documentos, seria ainda necessária a escrita da Proposta Pedagógica da rede municipal de ensino de Três Passos?

É preciso considerar os documentos existentes, sem perder de vista a especificidade daquilo que fala de nós educadores e das crianças, do lugar, do entorno, das “coisas” que são nossas. Rinaldi, C. (1999), chamou de “Currículo Emergente” a proposta de diferenciar-se de um planejamento como um método de trabalho que estabelece de antemão objetivos educacionais gerais e específicos, rompendo, portanto, com os modelos tradicionais, a partir de uma abordagem baseada em ouvir ao invés de falar, em que a dúvida e a fascinação são fatores muito bem vindos, juntamente com a

investigação, a descoberta e a invenção. Uma abordagem na qual o inesperado e o imprevisto são reconhecidos.

Pensar o currículo da Educação Infantil por meio de Campos de Experiência amplia as possibilidades para as crianças pequenas.

Por tal razão, destacamos a necessidade de refletirmos sobre os campos de experiência no contexto da educação da infância e suas contribuições para pensar o processo de construção de conhecimentos, para construir um processo educativo que considere as trocas entre as crianças e entre adultos e crianças. Buscar contribuir para um processo educativo que tem na criança a sua centralidade. (FINCO, D. 2015)

Barbosa, M. C. e Richer, S. (2015) também elaboram perguntas, referentes a existência de currículo na Educação Infantil: “Será que todas as instituições educacionais necessitam reproduzir a cultura escolar que tem como característica central a presença de uma proposição curricular? Pode haver escola sem currículo previamente definido? Quais saberes e conhecimentos deveriam ser priorizados na educação de crianças pequenas? Entendidas como disciplinas ou como linguagens? O que seriam campos de experiências educativas?”

Nesse aspecto, Daniela Finco nos ajuda a refletir quando argumenta que é importante compreender que há possibilidade de produzir conhecimento *junto com* as crianças, mas isso só seria possível mediante um currículo plural, organizado por campos de experiência. O que nos coloca em movimento e numa direção de rupturas para assumir que o conhecimento é construído dentro de nós e não fora. Paulo Fochi nos alerta para a Resolução de 2009 sobre as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil, que sua organização “pode se estruturar em eixos, centros, campos ou módulos e experiência que devem se articular em torno dos princípios, condições e objetivos propostos nestas diretriz” (Brasil, 2009, p.16).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho com crianças pequenas considera a escuta e a observação como elementos fundamentais. Na elaboração da Proposta Pedagógica da rede municipal de ensino estão presentes, buscando embasamento em pensadores conceituados na área da educação. As reflexões do filósofo e educador John Dewey (1973) já mostravam que a educação é uma ação coletiva e que trabalhar a partir das experiências das crianças

implica envolver-se em um empreendimento cooperativo, onde não existem “receitas prontas”.

Com muitas linguagens buscamos escrever a Proposta Pedagógica de Três Passos, em um exercício de reflexão quanto a prática. Linguagens de encontros e respeito pela caminhada e a história de cada um dos profissionais que formam a rede de ensino. Ao caminhar, precisamos ainda rever conceitos e nos apropriar das linguagens, ultrapassando o processo de elaboração e escrita, efetivando com as crianças nossas crenças e convicções.

Gobbi, M. (2010) afirma que “as crianças brincam individual ou coletivamente e neste ato experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos a partir das linguagens.” E complementa que:

As crianças expressam-se utilizando várias linguagens, com as quais constroem a si mesmas e as culturas nas quais estão inseridas levando-as ao encontro entre palavras, choros, sons, movimentos, traçados, pinturas, todos imbricados em ricas manifestações, mas que, por vezes, encontra-se enfraquecida no cotidiano infantil devido à ausência de propostas, que mesmo simples, procurem garantir processos de criação em que os questionamentos, a busca criativa por diferentes materiais, o respeito pelo trabalho individual e coletivo, estejam presentes. Cabe aos adultos, junto com seus pares e as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes sendo compreendidas em sua inteireza, não se deixando conduzir apenas pela linguagem verbal ou escrita desconsiderando demais formas expressivas.

Ao se referir as linguagens, o trabalho volta-se as danças, a pintura, as modelagens, filmagens, fotografias, dramatização, a própria brincadeira. Volta-se também ao próprio professor, que precisa ter contato com diferentes manifestações e linguagens para fortificar seus fazeres. Em um exercício de encontro com sua formação inicial e continuada, deve considerar as artes, a cultura, como elementos vivos, que muito podem contribuir na relação que estabelece com as crianças, no espaço escolar.

As crianças estão abertas ao novo, elas são a própria novidade, mas precisam elementos de sua experiência vivida anteriormente para fazer conexões. É necessário ir apresentando o mundo as crianças com calma, com tempo, ajudando-a compreender o que existe, o que foi criado antes mesmo da nossa existência. Elas são “novas” neste mundo, muitas coisas ainda não tiveram a oportunidade de fazer ou conhecer. Assim, o papel do adulto mais experiente é fundamental, assim como o da Escola. Ao ajudar as crianças a olhar, perceber, conhecer, interpretar, elas são encorajadas a dar continuidade à vida.

Conforme SOUZA, J.S. (2015, p.35) “as crianças conhecem o mundo enquanto o criam e ao criá-lo revelam suas verdades provisórias.” Para tanto, precisam mexer, brincar, experimentar, colocar a mão. Precisam de Escolas que as acolham como

crianças e lhes ensinam desta forma. Ao serem crianças elas já existem e merecem Escolas que as acolham e as considerem, em um exercício de ser juntos, em ricos encontros.

A função docente da Educação Infantil seria de colocar-se em atenção para as necessidades da criança com vistas a produção de um espaço educacional em que possam acontecer interações de forma criativa, de um currículo que pudesse emergir dos contextos socioculturais crianças e suas famílias, isto seria possível mediante uma ruptura com a criança universal e com a concepção de currículo como uma prescrição. Isso ainda é um longo caminho que em Três Passos ainda estamos a construir coletivamente.

Uma escola para os começos!

## **REFERÊNCIAS:**

BARBOSA, M. C.; RICHTER, S.; **Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche.** v. 35. Santa Maria, 2010.

BARBOSA, M.C. et al. **O que é básico na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil?** Debates em educação, v. 08. Maceió, 2016

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Ser criança na Educação Infantil: infância e linguagem** – 1.ed. Brasília: MEC, SEB, 2016

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** – Brasília: MEC, SEB, 2010

CANCIAN, V.; GALLINA, S.; WESCHENFELDER, N. **Pedagogias das infâncias, crianças e docências na Educação Infantil** - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Santa Maria, 2016.

FINCO, D.; BARBOSA, M.C.; FARIA, A. L. **Campos de experiências na escola da infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro – Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015.

FRIEDMANN, A. **Mapa da Infância Brasileira**, 2015

GOBBI, M. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a Educação Infantil**. Belo Horizonte, 2010